

---

## O capital, o trabalho e a felicidade

---

Thiago Marques <sup>1</sup>

Priscilla Perla Tartarotti von Zuben Campos <sup>2</sup>

### Resumo

Neste trabalho, buscou-se compreender quais influências que o capitalismo moderno causa nos trabalhadores da metrópole e o resultado dessa influência em sua dimensão da felicidade. Neste sentido, o objetivo deste artigo foi problematizar a discussão acerca do bem-estar contemporâneo, valendo-se de elementos da filosofia, psicologia, sociologia e economia. Com contribuições de ordem interdisciplinar a partir da noção do avanço da racionalidade e do trabalho constatável, é possível pensar e refletir a vida em suas diversas dimensões, dentre elas, o trabalho, o qual passa a ter uma dinâmica unidimensional. A metodologia utilizada neste trabalho constituiu-se a partir de uma análise mista, pela perspectiva histórico-conjuntural de Marx e estrutural de Weber, Deleuze e Foucault. Em suma, serão analisados três eixos para realizar as discussões: a) a mecanização da vida; b) sentido do trabalho e c) racionalização da conduta, a felicidade, subjetividade e desejo.

**Palavras-chave:** Capital. Felicidade. Trabalho

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [thiago.marques.eco@gmail.com](mailto:thiago.marques.eco@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Limeira, SP, Brasil. E-mail: [pptvzc@gmail.com](mailto:pptvzc@gmail.com).

## **Introdução**

O mundo contemporâneo, as trocas, o mercado e o dinheiro são desdobramentos históricos da materialização do capital na vida humana, e o lugar onde estas categorias manifestam-se, de forma profunda, é nas metrópoles. A cidade metrópole é o local no qual as dimensões capitalistas estão mais desenvolvidas, o que, por sua vez, cria e configura uma distinta ordem social, uma ordenação de extremos. A metrópole é filha da cidade industrial, é um berço de relações desiguais, ancorada pela burocracia moderna. “Nunca se inventou uma máquina tão eficiente quando a burocracia”, nas palavras de Weber, e esta foi revolucionária, como todas as invenções mecânicas que ocorrem e têm ocorrido.

Porém, esta mesma burocracia operante destila os tecidos sociais tornando-os apáticos, desumanos e doutrinadores. A mesma burocracia mecanicista e controladora esvazia o ser, o trabalho e a felicidade. Em um cenário metropolitano, no qual impera a lógica da produção e do consumo, a máquina capitalista tem colocado a sociedade numa perversa promessa de uma felicidade vazia, vampirizada, assimilada pela máquina desejante que capitaliza o ser humano, levando-o a vender sua vida e seu tempo, deixando-o vulnerável.

A partir de uma análise histórica e estrutural, a qual buscará também categorias do materialismo dialético e contribuições de ordem interdisciplinar, este trabalho tem por objetivo compreender quais influências o capitalismo moderno causa nos trabalhadores da metrópole, e o resultado dessa influência em sua dimensão de felicidade. Em suma, analisaremos por três eixos: a) a mecanização da vida; b) sentido do trabalho e c) a racionalização da conduta, a felicidade, subjetividade e desejo.

## **Desenvolvimento capitalista e formas de emancipar a individualidade**

O referencial teórico exposto inicialmente remete a dois grandes pensadores da sociologia e também portadores de valores éticos: Max Weber e Karl Marx. A abordagem inicial tratará sobre Weber (2005) com a sociedade industrial, seguido pelo desdobramento da sociedade industrial (antecessora da metrópole), no qual Weber, Raymond Aron e Daniel Bell se encontram dentro de um campo comum, um campo conservador, com uma postura similar sobre a sociedade industrial e pós-industrial metropolitana.

Já as obras de Herbert Marcuse e André Gorz se encontram numa esfera mais crítica e estabelecem um diálogo dissonante às visões dos três. O que se deve entender por sociedade industrial de fato é a compreensão acerca de uma abordagem “peculiar

da filosofia histórica” de Weber (2005), e, sob este prisma, recai-se sobre o conceito de sociedade industrial metropolitana: uma abordagem peculiar na qual Marx (1996) abarca sobre uma moderna sociedade ocidental e a construção de um tipo de sociedade ideal.

Esta discussão sobre o desenvolvimento do capitalismo, e suas formas de emancipar a individualidade, autonomia, e felicidade ao ser humano moderno, ou seja, o trabalhador da metrópole, também será fundamentada por autores clássicos como Michel Foucault e Gilles Deleuze e, em certa medida, por Marcio Orlandi, os quais fazem inquietantes reflexões a respeito do ser humano. Deleuze afirma que os indivíduos se tornaram "dividuais", divisíveis em uma sociedade de controle que quer disciplinar e regular as ações humanas, mas não apenas isso, vai além, avançando na subjetividade, frente às transformações nos referenciais de tempo e espaço. O ser humano se torna escravo de “boa fé” perante uma falsa liberdade, na promessa de uma felicidade vazia, um homem confinado, endividado e divisível como jamais esteve outrora.

O mundo como foi descrito por Weber apresenta algumas características centrais, as quais norteiam esta sociedade metropolitana, a ideia geral é “que o capitalismo é a força irresistível que determina nossos destinos”. Todavia, importa pensar a quem se está a serviço, como, por exemplo, a ciência do que se produz e quais os possíveis impactos desta produção, assim como postula Edgar Morin em sua obra “Ciência com Consciência”. Morin (1990), declara ser necessário que toda a ciência se interrogue sobre as suas estruturas ideológicas e seu enraizamento sociocultural, do contrário, a humanidade parece inclinar-se ao que expressa Deleuze: a família, a escola, o exército e a fábrica, na sociedade de controle, são, e entende-se que continuamente serão, postuladas enquanto figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes, tal como em uma engrenagem perfeitamente sincronizada que serve aos benefícios da “grande máquina”.

Ao partir do pressuposto de que o desejo de ser feliz é a razão e o sentido da existência de todos os indivíduos, nada mais engenhoso do que a captação deste sentido por uma sociedade que visa o controle e a dominação. O desejo capturado de “ser feliz” na sociedade contemporânea remete a uma felicidade vazia que aprisiona e sujeita o próprio sujeito.

### **Fundamentação teórica**

É dito que Karl Marx é o último iluminista do século XVIII, pois seus diagnósticos do capitalismo têm certo fundamento em valores de igualdade e liberdade, e, deste modo, pode se perceber que o capitalismo não entregou estes valores, propagados no iluminismo. É interessante compreender a questão da liberdade, pois Marx pensava em

alguns mecanismos para libertar o sujeito. A ordem traz a igualdade perante a lei, o que foi uma conquista da ordem burguesa, porém é uma liberdade formal, todavia, o que realmente domina a sociedade é uma relação capitalista, a do capital e do trabalho.

### *Mecanização da Vida*

É fato conhecido que a nova organização social alavancou desenvolvimentos científicos e tecnológicos levando ao crescimento urbano acelerado e a crescente necessidade de produção. Neste cenário, Sewaybricker (2012), questiona se o desenvolvimento tecnológico e o crescimento das cidades estão no caminho contrário à felicidade, uma vez que, ao corroborar para o surgimento das primeiras organizações de trabalho, apenas se alteram as relações de obediência, o que antes se dava ao “amo” em troca de alimento e abrigo passa a ser ao “dinheiro”, institucionalizando o trabalho, na medida em que o trabalhador vende sua atividade.

A sociedade, segundo Marx (1996), é feita de proprietários, possuidores dos meios de produção, e os trabalhadores, possuidores de sua força de trabalho, fundamentada numa relação de subordinação onde os agentes são meros suportes dessa relação. A liberdade do capitalista estará sempre constrangida dentro do sistema da concorrência, e do sistema de preços, a acumulação capitalista é regida por leis que “independentem” apenas dos agentes capitalistas (MARX, 1996).

Com o surgimento da maquinaria e a indústria, o trabalhador passa a funcionar como mero apêndice da produção de riqueza, embora exista uma subordinação real, há, concomitantemente, uma subordinação social, no qual a reprodução de classe, tanto da classe dos possuidores dos meios de produção quanto da classe de trabalhadores é permanente, de acordo com os movimentos do capital. No capitalismo, há uma tendência permanente, de um crescimento do capital constante em relação ao capital variável, em outras palavras, o montante de riqueza gasta em máquinas, equipamentos e tecnologia tende a ser maior, em relação à mão-de-obra, e isto faz parte da lógica capitalista, que é fruto do progresso técnico (MARX, 1996).

À medida que passa o tempo, ancorado no progresso técnico, é necessário cada vez menos trabalho para determinado fim, e este pode ser um ponto central, dentro do sistema de concorrência. Na medida em que as indústrias ficam mais modernas, por intermédio do progresso técnico, a quantidade de trabalho humano, para a produção da mesma quantidade de mercadorias, sempre será menor do que no passado. De outro modo, com as máquinas e equipamentos é necessário cada vez menos mão-de-obra para a produção, e, por sua vez, a produção passa a ser maior, a despeito do menor número de trabalho necessário. Por exemplo, no século XIX as pessoas trabalhavam

com 12~13 anos, e era comum as crianças serem contratadas para o trabalho nas fábricas (MARX, 1996).

Com o desenvolvimento da estrutura capitalista, o qual perpassou as duas revoluções industriais, o mundo se encontra no período do “pós-guerra”, o qual foi um período que sofreu grandes modificações na estrutura do trabalho, do mercado e da concorrência. O mundo de Marx, das grandes fábricas de carvão inglesas, passou, porém, deixou consigo elementos fundamentais da estrutura capitalista. O capitalismo não mudou, apenas se modificou, e a classe trabalhadora, desde então, vem se organizando e lutando para condições mais humanas dentro do processo produtivo, além de garantir sua reprodução, seja pelos mecanismos dos salários, ou dos direitos trabalhistas.

Nos anos cinquenta e sessenta, de acordo com Belluzzo (2013), havia uma estrutura de mercado e de indústrias nacionais, a qual inaugurou uma nova era em relação a direitos trabalhistas e ao aumento do poder de compra pelas classes trabalhadoras. Segundo o autor, com a intenção de salvaguardar a recém estrutura do emprego, aparece uma reação contra a ordem, no qual nasce do berço da expansão capitalista, e toda essa estrutura, montada nos anos cinquenta e sessenta, perde força nos anos oitenta, com a desregulação financeira, a globalização e a abertura dos mercados (BELLUZZO, 2013).

### *Sentido do Trabalho*

As grandes questões, indagações e preocupações da nova estrutura social do trabalho e do desenvolvimento técnico, burocrático e produtivo nascem a partir da segunda Revolução Industrial. Webber traz luz à estas questões nas suas obras, entre elas “A Teoria das Organizações”, “Teoria da Burocracia” e “O que é uma Empresa”. Por outro lado, Simmel procura embasar o que é uma metrópole, e nos dá luz deste novo movimento histórico, a partir de dois passos fundamentais: i) a nova divisão internacional do trabalho e a ii) metrópole<sup>3</sup>.

Para Simmel (1967), dentro dessa nova sociedade, podem ser apontadas três grandes novidades dentro do movimento da economia: i) o surgimento da grande empresa e do grande banco, como novas instituições de enorme centralização de poder e comando capitalista, que trazem consigo certos tipos representativos, e sociais, como

---

<sup>3</sup> “(...) Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança história, da cultura externa e da técnica de vida. A luta que o homem primitivo tem de travar com a natureza pela sua existência física alcança, sob esta forma moderna, sua transformação mais recente (...)” (SIMMEL, 1967, p. 11).

o financista, magnata, executivo (gerente) e o grande executivo; ii) surge o novo operariado, dependente, alavanca e a força do sindicalismo; e iii) o surgimento das novas classes médias, contraposta à pequena burguesia, eles trabalham com símbolos e pessoas, são assalariados, e muito heterogêneos.

Diante disso aparece, na grande empresa, o setor de administração (diferente da primeira revolução industrial, que precisava apenas do capataz e do guarda livros), pois, neste momento, a empresa, gradativamente, se torna multidivisional, tornando necessária a existência de departamentos para cada área da empresa (WEBER, 2005). Não existe grande empresa sem grande administração, as indústrias mudam de figura e começam a produzir em massa. Há também uma mudança extraordinária dos canais de distribuição, e a grande novidade está na loja de departamentos.

A loja de departamentos, juntamente com o atacado, transforma a distribuição da grande indústria, este é outro fenômeno da expansão da classe média e de outros setores como a educação e saúde, que passam a ter uma nova estrutura de trabalho, como os professores, médicos, enfermeiros, entre outros. Do ponto de vista da renda e do estilo de vida, os novos assalariados comprovam que a nova classe média é muito heterogênea (SIMMEL, 1967).

Destacamos primeiro que houve mudanças na divisão técnica do trabalho, por exemplo, na fábrica, a qual contava com um sistema de maquinaria, refém do vapor, cheio de lacunas e interrupções, precisou se adaptar às mudanças. O Taylorismo vem para dividir o máximo possível dos processos para se obter maior produtividade para cada parte. Neste sentido, o escritório ganha uma importância notável, acomodando todos os operários indiretos, aqueles que não estão na fábrica, mas sim dentro do escritório. Para Weber, a burocracia é eficiente e foi revolucionária, como todas as invenções mecânicas que ocorreram e têm ocorrido, na divisão das técnicas de trabalho, regras, procedimentos e formas de agir, para que os segredos fiquem na cúpula, e o escritório seja organizado a partir desse processo (WEBER, 2005).

É interessante como Simmel (1967) retrata a vida na metrópole, e a compara com a cidade industrial, cidade com as características de Manchester ou Nova York, cujas cidades industriais eram essencialmente filhas da máquina à vapor, da ferrovia e do carvão, poluição da água, poluição do ar, habitações precárias, casas misturadas com as fábricas e ruas imundas. Este é o contexto de cidade industrial do início do século XX. Por sua vez, a metrópole não é simplesmente uma cidade grande, mas tem uma natureza particular, pois ela é, antes de tudo, a concentração de tudo de mais importante que está disponível. Acrescenta que as finanças estão na metrópole, nas companhias de seguros, na bolsa de valores, nos escritórios centrais das grandes empresas, nos museus, nos

teatros, nas grandes orquestras, nos grandes espetáculos esportivos, no centro gravitacional do consumo, em quem faz e quem difunde a moda, nos aspectos cosmopolitas: bares, restaurantes, bordéis, boates; em suma, afirma que a metrópole é a capital da burocracia e da organização.

A metrópole também é o berço de pessoas nervosas, das pessoas estressadas, o tempo é cronometrado, o tempo é curto, o sujeito da metrópole torna-se apático e não julga. Os nervos do indivíduo da metrópole já estão esgotados e há uma completa ausência de movimento e reação das coisas (SIMMEL, 1967). O sujeito reproduzido na metrópole é reservado, frio e educado pelo dinheiro. O dinheiro educa e muito bem, numa economia mercantil suprime a qualidade e tudo é reduzido à quantidade<sup>4</sup>, pois é preciso evacuar os impulsos<sup>5</sup>, e se impõem apenas o cálculo, a razão instrumental, e o entendimento da economia mercantil. O dinheiro e a disciplina educam para gerar comportamentos adequados à adaptação das subjetividades das potências superiores dos espíritos objetivos. Foucault menciona que a disciplina educa, pois produz corpos úteis e dóceis, as disciplinas incidem sobre o corpo, em suma, é a petrificação da vida, a tragédia da cultura, e a rebelião dos instintos (FOUCAULT, 1987).

Weber (2005) traz a noção do trabalho como vocação e diligência para a glória de Deus, como ética ou doutrina fundamental, e estes elementos são tratados no calvinismo como sinais da salvação, apenas sinais e não certeza da salvação. Na antiguidade, na vida ordinária, o trabalho e a família, se encontravam no último posto da reprodução da vida, logo próximos da vida animal. No cristianismo, o trabalho estava próximo ao pecado original e ainda estava desvalorizado dentro de uma escala de importância, já o trabalho, no renascimento, se torna algo superior, uma certa capacidade de criação, de tal modo como no artesanato, o trabalho se materializa como capacidade ou faculdade de criação, e este sentido permanece até no capitalismo (WEBER, 2005).

Com a morte de Deus para o homem contemporâneo, o trabalho perdeu qualquer caráter transcendente e se transformou num meio de ganhar a vida, e o “nada” é o “homem profissional”, tecnicamente, é um “emaranhado de nada”, o que para Marx

---

<sup>4</sup>“(…) De facto, o dinheiro busca apenas aquilo que a todos é comum, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do simples ‘quanto’ (…)” (SIMMEL, 2009, p. 9).

<sup>5</sup>“(…) E isto conduz à individualização espiritual, em sentido estrito, das qualidades anímicas, favorecida pela cidade em relação com a sua grandeza. Uma série de causas se torna evidente. Antes de mais, a dificuldade de fazer valer a personalidade própria nas dimensões da vida na grande cidade. Onde o incremento quantitativo de significado e de energia se aproxima dos seus limites, o homem agarra-se à particularização qualitativa para que, através da estimulação da sensibilidade à diferença, ganhe de algum modo para si a consciência do círculo social: o que acaba então por aliciar às excentricidades mais tendenciosas, às extravagâncias específicas da grande cidade, como o ser original, o capricho, o preciosismo, cujo sentido já não reside nos conteúdos de tal comportamento, mas apenas na sua forma de ser diferente, de se destacar e, assim, de se tornar notado – para muitas naturezas, no fim de contas, o único meio de preservar para si, mediante o desvio pela consciência dos outros, alguma autoestima e a consciência de ocupar um lugar (…)” (SIMMEL, 2009, p. 16).

é uma fenomenologia do trabalho alienado. A dinâmica do consumo apresenta, no pós-guerra, a lógica da publicidade e da moda, a generalização, a massificação e a aberração do consumo. Dentro de uma sociedade postulada como sociedade de consumo, Sewaybricker (2012) retrata o trabalho não mais como força bruta, mas como força intelectual que passa a ocupar a vida como um todo. Apresenta também mudanças pelas quais o trabalho passa, assim como a própria organização social, declarando que o trabalho deixa de se caracterizar pela contenção dos desejos, caracterizando-se pela produção desses desejos.

Dai o caráter pernicioso dos programas de qualidade de vida, capazes de manter as organizações “amadas” por seus integrantes, ao proporcionar ambientes descontraídos, espaços controlados, nos quais o indivíduo pode se libertar de uma suposta alienação. Deste modo, na sociedade de consumo, o “amor” à organização está nos benefícios individuais, mais do que na atividade em si ou no seu impacto social. Ademais, mesmo quando o trabalho não gera diretamente prazer, o cálculo da felicidade, embora questionável, remete a um número desproporcionalmente maior de prazeres do que de sofrimentos (SEWAYBRICKER, 2012).

As bases materiais e a vida da metrópole nos mostram uma reconfiguração dos atores, os quais alteram o sentido do trabalho. O sentido objetivo é a concretização da maquinaria que Marx chamava a atenção, e que para Weber é a perda de sentido da vida. A mercantilização e o esvaziamento do sentido da vida, tanto em Marx quanto em Weber, mostram que o sujeito não consegue se emancipar, e não é apenas uma questão de se emancipar ou não do trabalho.

### *Felicidade, Subjetividade e Desejo*

Permeado pela racionalização da conduta, o consumo exagerado acarreta inadimplência e lixo, traz o caos, provoca crises e catástrofes. A atividade humana, capturada pelas diferentes formas de trabalho, torna-se um meio para usufruir de coisas ao invés de ser um meio para potencializar habilidades e talentos. Os valores se reconfiguram frente a uma sociedade ansiosa, imediatista e desenfreada, manipulada por uma máquina “desejante”, que se abastece dos devaneios humanos. A felicidade se torna um instrumento de controle, isto é, elemento de poder do Estado a partir das organizações de trabalho.

Mas que felicidade seria essa? A partir de um retrato fragmentado e ciente de possíveis vieses, é o que se pretende fazer neste escrito, a tentativa de relacionar o capital, trabalho e felicidade para se buscar novas condições de possibilidades ou, minimamente, repensar a vida que vem sendo vivida. Quais seriam os resultados da



influência do capitalismo nos trabalhadores da metrópole sobre sua felicidade? Antes, questiona-se: o que é felicidade? O que vem a ser felicidade na modernidade? Se a felicidade é subjetiva e regida por desejos, como compreender cada assunto e a congruência entre eles?

Na tentativa de responder aos questionamentos supracitados, a partir dos estudos feitos por Sewaybricker (2012) sobre a temática felicidade e sua relação com a organização capitalista do trabalho, julgou-se pertinente abordar alguns apontamentos feitos pelo autor a partir de recortes que contribuam aos interesses deste trabalho. Cabe esclarecer que, dentre suas investigações, ele realiza a ontologia da felicidade com base em oito autores, sendo estes: Platão, Aristóteles, Zênon de Cítia, Epicuro, Santo Agostinho, Bentham, Kant e Freud, e, sabiamente, esclarece que o estudo realizado se dá a partir de uma determinada perspectiva. O que remete à lembrança de que não se podem negar os interesses de cada um na produção do conhecimento, visto que cada pessoa, ao escrever e apresentar ideias, o faz sob um determinado prisma e este prisma advém de suas próprias necessidades, inquietações e interesses, tal como se faz aqui.

O autor também faz alusão a Foucault (2005) e Bourdieu (2001), os quais advertem sobre a própria produção do conhecimento, podendo ser interpretada como uma guerra, ou jogo de poder. Daí a necessidade em se acautelar frente aos recortes e embasamentos que se pretende tratar neste trabalho. De modo semelhante, pretende-se realçar aqui também, que o assunto tratado advém de recortes delimitados de um determinado espaço-tempo destes autores, contextualizado por determinadas pessoas – com todas suas percepções e distorções imbricadas – ainda que na busca de uma perspectiva que vise transcender à disciplinaridade e limitações individuais.

Prima-se que os trechos retirados dos estudos de Sewaybricker (2012) possam contribuir para a discussão aqui proposta. Dentre os apontamentos destaca-se sua abordagem sobre a felicidade possível e mensurável dos utilitaristas, desenvolvida nas filosofias liberais de Benjamin Franklin e Stuart Mill evidenciando que as filosofias de Tomás de Aquino, do protestante Lutero e de Hobbes constituíram-se em formas de preparar terreno às ideias iluministas, daí a importância em se considerar o papel e responsabilidade de cada um na construção e orientação do conhecimento que se concebe na modernidade, inclusive pensar nas influências de cada ser humano na produção do conhecimento, bem como seus possíveis efeitos.

Afinal, a ciência é feita de cientistas e cientistas, antes de mais nada, são pessoas. A ciência não é neutra, tampouco ingênua, como já exposto. É feita por pessoas e pessoas, além de complexas e desafiantes, são passíveis de enganos, daí a necessidade de desconfiar das verdades proclamadas como absolutas. A própria

verdade, assim como a relação entre tempo e espaço deveria ser, nas palavras de Bauman (2001, p. 130), “processual, mutável e dinâmica, não predeterminada e estagnada”. Ao longo dos tempos o conceito de felicidade vem sofrendo mutações, assim como as verdades aceitas sobre ela proclamadas por pensadores distintos.

Considerando que a busca pela felicidade é uma tentativa histórica e milenar, cabe salientar a potencialização de uma crise pela “procura da felicidade” enquanto uma tentativa frustrada da Revolução Francesa em aplicar os objetivos utilitaristas, tal como retrata Sewaybricker (2012). Uma procura que persiste insistentemente sob o ideário capitalista que, na sua época, os iluministas, segundo o autor, na tentativa de dominar a felicidade, simplificaram-na, tornando-a palpável e mensurável. Em um período em que a sociedade se transformava de uma sociedade rural e coletiva para uma sociedade mais urbanizada, individualizada e de relações econômicas norteadas pela ideologia moderna.

Nisto, foram produzidos os pessimistas e como resposta contrária, o romantismo, sendo, este último, creditado a Rousseau, por suas ideias, dentre elas, a busca da felicidade pautada no mundo interno, no âmago do sujeito, em meio a dores, frustrações e desejos, sendo o próprio sofrimento essencial à felicidade. Tal concepção acerca do sofrimento merece ressalva, pois não se trata de uma ideia equivocada e coletivamente aceita? É realmente necessário sofrer para ser feliz? Essa ideia não tem trazido consequências duras ao desenvolvimento humano dentre às quais, sofrimento e dor poderiam ser substituídos pelo prazer e amor, ainda que estes últimos mereçam ser mais bem compreendidos e avaliados?

Sewaybricker (2012) destaca Arthur Schopenhauer dentre os que mergulharam nas dores do mundo para construir sua filosofia e ganhou fama como o mais pessimista deles. Um pessimismo oriundo de uma única pessoa não teria impactado em outras histórias, contextos e situações? Um pessimismo que retrata uma história particular e individual, mas que influenciou todo um sistema coletivo. Daí a ênfase no cuidado perante o que se produz, na construção do conhecimento, o alerta perante o que se pensa e como esse pensamento intervém na amplitude de uma realidade objetiva e subjetiva. Daí a necessidade em se pensar o que se acredita sobre o que é felicidade ou até mesmo o que ela não é.

A compreensão histórica, embora repleta de idiosincrasias e verdades próprias, recortadas e fragmentadas, pode fornecer algumas pistas nesta concepção, porém, entende-se ser ainda mais relevante a leitura que se faz acerca desta compreensão, o que se pretende e quais os possíveis efeitos disso. Já é fato concebido que o particular afeta o coletivo e o coletivo afeta o particular, ainda que possa causar certo estranhamento, contudo, seria perceptível que esse particular, que opera em um

coletivo, seja repleto de pressupostos, ambivalências e requeira atenção, refutação e reflexão? Um mundo inconsciente que governa a ação em oposição à razão, tal como o descobre Freud, em seu tempo.

A despeito de Freud, cabe ressaltar apontamentos feitos por Sewaybricker (2012), acerca da felicidade, esclarecendo que o próprio Freud julgava a felicidade alheia muito difícil, até mesmo impossível, sem mencionar a própria felicidade, o que não seria motivo para impedir que o homem tivesse como objetivo a felicidade, buscando-a, querendo se tornar e até permanecer feliz. Tal concepção trata-se de uma visão de homem, condicionado a ser racional, excluindo-se a emoção reconhecida como estritamente pertencente ao universo feminino. Não seria esse um recorte passível de discussão? O excesso de racionalidade e distanciamento da emoção na subjetividade, compreendendo a felicidade e como ela é interpretada por uma visão de época e quais os efeitos disso na contemporaneidade? Embora não caiba aqui essa discussão, salienta-se a necessidade de reflexão sobre a temática.

O questionamento sobre a finalidade da vida humana e a ausência de respostas de incontáveis pensadores sugerem, de certo incômodo a Freud, levando-o a explicar que [o homem] é programado para ser feliz, embora seja um programa irrealizável em função de uma série de contingências externas e internas, todavia, não impede o “princípio do prazer”, que direciona o alívio das tensões em que se produz prazer ou se evita o desprazer (SEWAYBRICKER, 2012).

Porém, o princípio do prazer, teorizado por Freud, na colocação de Sewaybricker (2012), além de ineficiente, constitui-se perigoso para a continuidade do próprio indivíduo, o qual interpreta o mundo de modo onipotente e imediatista. Seria uma forma “crua” do princípio do prazer, que deixa a marca da felicidade. Não seriam as pessoas reguladas no contexto atual por tal princípio? Um modo tentador de conduzir a vida, imediatista e perigoso, trazendo logo, nas palavras de Freud “o próprio castigo”? Frente às suas descobertas perante a problemática da finalidade humana e da felicidade, Freud (1930) sugere que seria melhor desacreditar que a felicidade individual é realizável. Tal apontamento não seria de fato um retrato das próprias dificuldades de Freud em responder suas perguntas? É possível compreender que uma felicidade egoísta, individualista, imediatista, desmedida e que leva a si próprio em detrimento do outro não seja de fato felicidade, mas desconsiderar a própria felicidade parece no mínimo contraditório.

O ser humano é ao mesmo tempo singular e plural. Compreender a natureza humana e verificar formas para lidar com ela pode ser um passo em direção à felicidade. Sewaybricker (2012) elucida que, talvez, a contribuição mais importante de Freud seja a

de considerar que a própria busca da felicidade é mais importante do que sua realização. Esta busca levaria a uma orientação de felicidade que permite o desenvolvimento da sociedade? Em essência a proposta parece interessante, mas na forma como a máxima da “sociedade do ser feliz” vem sendo apresentada, parece levar a compreender justamente o oposto.

Das questões filosóficas tratadas de modo qualitativo, Sewaybricker (2012) passa a tratar sobre a ciência da felicidade cuja abordagem é quantitativa. Na busca por objetivar comportamentos subjetivos, a ciência avança de modo que não se imaginou. Perante um cenário cada vez mais competitivo, surge a necessidade de gerenciar comportamentos para resultados eficientes e eficazes de modo a potencializar o desempenho do trabalhador. Neste sentido, a promoção da felicidade no trabalho traz contribuições, mas a felicidade é subjetiva, com isso, a questão se deu em averiguar formas para intervir na subjetividade do trabalhador.

A psicologia traz contribuições inegáveis neste campo. Maslow e outros estudiosos apresentam teorias motivacionais que contribuem na compreensão e no fornecimento de mecanismos que estimulem as pessoas a responderem conforme esperado. Neste cenário, a felicidade passa a ser entendida como objeto de manipulação para a motivação, um combustível necessário que, se oferecido nas doses corretas, garante a energia necessária para a realização das tarefas, conforme explana Sewaybricker (2012). Isto requer atenção. Entendendo que a felicidade se trata de uma busca ontológica do ser humano, parece natural a curiosidade em compreender o que vem a ser, mas quando manipulada aos interesses do capital pode acarretar consequências até então não concebidas. O uso de uma ciência, postulada como ciência da felicidade como um meio de manipular a vida das pessoas, a vida dos trabalhadores para os ideais de um modo de vida capitalista é perigoso, imediatista e maquiavélico.

Não se nega ser possível que exista um ideário imaginário por parte das pessoas que replicam os estudos, aplicam os conceitos, afinal, a forma como a vida se constitui na sociedade moderna é permeada por organizações. Por que não minimizar seu sofrimento? Por que não as levar a um cotidiano mais ameno? Em uma visão micro e reduzida, a proposta parece ser válida, mas, ao tentar ampliar e compreender os objetivos de fato inerentes ao processo, avassala-se a alma! À serviço de quem estamos? É preciso refletir, pensar, repensar e pensar outra vez o que contraria a lógica imperativa do fazer, assim, em um tempo sem tempo. Fazer tais questionamentos requer um esforço que nem sempre se está disposto a realizar.

Argumenta-se aqui a necessidade do tratamento referente ao trabalho, pois, ao trabalhar, o ser humano transforma a natureza, independente se isso o agrada ou não.

É o resultado da ação humana que acarreta diferentes tipos de impactos no planeta. Contudo, a ação humana no trabalho é regida por uma relação de poder em que algumas pessoas em posição de comando coordenam outras pessoas que realizam ações interventivas. Outrossim, emana desta relação inúmeras variáveis que conduzem o comportamento humano a determinadas ações, as quais se operacionalizam através das forças de trabalho.

Uma pessoa feliz destrói seu próprio habitat? A destruição em massa de todo um modo de vida decorre de outras vidas detentoras de alguma forma de poder, que, em sua essência, são seres humanos infelizes, os quais produzem de modo consciente ou inconsciente outras formas de vida infelizes? O fato é que, tal como expõe Sewaybricker (2012), a ciência, impulsionada em promover a felicidade do trabalhador, levou o estudo da felicidade a se expandir, sendo um assunto tratado não apenas pela psicologia, mas expandindo suas fronteiras para a economia e para a neurociência. Esclarece ainda que é sensato que a ciência invista em desmembrar o conceito, simplificando-o, e também estudá-lo em relação a contextos determinados, visto que dois mil e quinhentos anos de investigações filosóficas não foram suficientes para se obter respostas que permitam a massificação da felicidade. É possível que, com tais estudos, obtenha-se maior compreensão sobre meios para promover a felicidade.

Seria de fato sensato massificar a felicidade, fabricá-la, fragmentá-la? Sewaybricker (2012) esclarece que o sacrifício da felicidade de uns em prol da somatória geral da felicidade parece tornar-se um preço demasiado caro e menciona o caráter maquiavélico como marca da modernidade em que “os fins justificam os meios”. Questionam-se, neste ponto, os efeitos colaterais advindos da intensa busca por uma suposta felicidade geral que condiciona cada um a querer e precisar sempre de “mais”, corroborando para um modelo de sociedade “zumbi” e insaciável.

A busca pela satisfação desenfreada do desejo, pela necessidade de alcançar a felicidade sem preocupações com excessos, sem muitos pudores, tal como descreve o autor citado anteriormente, remete ao utilitarismo, em um contexto no qual as pessoas se deparam com leque amplo de opções sem tempo suficiente para refletir sobre qual é a melhor decisão ou sobre o significado de seu querer, obrigando as pessoas a assumirem uma série de comportamentos divergentes nos diversos ambientes em que se insere, fragmentando o próprio sujeito, valorizando-se que as pessoas se tornem flexíveis e com uma pluralidade infindável de identidades.

Assim, Sewaybricker (2012) aponta que, embora as diferenças sejam reconhecidas e naturalizadas, não há proximidade e respeito suficientes para que se estabeleça o diálogo entre as pessoas, levando ao distanciamento emocional uns dos

outros. Promove-se a liberdade das pessoas das comunidades, contudo, o autor nos lembra da análise feita por filósofos, os quais associaram uma vida feliz com a vida em comunidade. Ainda em tempo, cita Aristóteles ao indicar a necessidade de um bem em comum a ser perseguido pelos sujeitos de uma “comunidade”, considerando sua ausência especialmente problemática. Mas como pode ser possível estabelecer um bem comum se as comunidades, necessárias para uma vida feliz, estão sendo suprimidas a cada momento?

### Resultados alcançados

Dentro do contexto indicado, Marx (1996) refere-se à sociedade capitalista como estruturada por proprietários, possuidores dos meios de produção, e trabalhadores, possuidores de sua força de trabalho, deste modo, há em uma relação de subordinação seja do trabalho, tempo, gostos, felicidade ou desejos. Os agentes são meros suportes dessa relação, tendo sua liberdade estrangida dentro de um sistema de relações, e o trabalho é um elemento que está sujeito à lógica capitalista, fundada na concorrência e na subordinação do trabalhador.

O mundo de Weber evidencia algumas características centrais, que norteiam esta sociedade em sua ideia geral: No desfecho de “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, escrito em 1904, Weber afirma que todo o “poderoso cosmo da moderna ordem econômica” é como “um cárcere de ferro”. Essa ordem inexorável, capitalista, legalista e burocrática “determina a vida dos indivíduos que nasceram dentro desse mecanismo (...) com uma força irresistível”. Essa ordem “determina o destino do homem, até que a última tonelada de carvão fóssil seja consumida” (BERMAN, 1987, p. 15). Esta afirmação tem por sua característica a ausência de fundamentos éticos, em oposição aos valores morais que estavam integrados no processo de gênese do capitalismo, e do mundo, o qual é retratado uma sociedade sem valores morais; i) sociedade que funciona somente pelos seus referenciais; ii) mecanização da vida e de todos os homens os quais usam todos os homens como instrumento.

Todas as relações são despersonalizadas, o que caracteriza uma sociedade despótica, no qual Weber (2005) vislumbra a consolidação do capitalismo: “a grande empresa”, o dinamismo de uma sociedade urbana e tecnificada, o predomínio de mecanismos técnicos, do cientificismo positivista, e de uma economia monetária reificada, tudo isto partindo do ponto de vista da economia. Essa sociedade é caracterizada por uma vida política bem peculiar, no qual a norma jurídica vale por si mesma, e há um novo processo do que é direito e do que é justiça. No fundo, o estado

moderno, neste sentido, se constitui como uma grande empresa burocrática, o qual separa o direito da moral.

Para Weber, há uma racionalização da economia (estado, política, cultura, economia, etc), então, como define o capitalismo? Para ele, o capitalismo é dado pela existência de empresas, as quais têm um único objetivo, de obter o maior lucro possível, ao passo que há uma racionalização da produção, uma necessidade de organizar (racionalização da conduta de vida) o trabalho, a produção. Ao estabelecer a união entre o desejo, o lucro e a disciplina racional, podemos dizer que, na sua concepção, o que constitui o traço do capitalismo ocidental é uma divisão técnica do trabalho (WEBER, 2005). Unindo o desejo do lucro com a disciplina organizacional, estamos diante de dois processos, o desencantamento do mundo e da racionalidade da cultura racional, cujo elemento central é o avanço da racionalização da ciência, da indústria e da democracia.

A ideia de uma sociedade encantada em declínio (sociedade agrária), e uma sociedade de movimento pela técnica racionalizada e democratizada. Weber (2005) está diante de uma sociedade genitora de uma futura sociedade de serviços, o que, para ele, seria a união de todas as racionalidades, e que até poderia diminuir a participação do trabalho humano na produção de bens. Por sua vez, Aron (1962) está próximo a Weber, entende que a sociedade industrial é o lugar para a produção se realizar através das empresas, e que há um modo original de divisão do trabalho, que é tecnológica e racional. É, sobretudo, a ideia da empresa, onde a grande indústria se realiza através das empresas.

A ideia, em Aron, é muito simples: “Acumulai, acumulai, acumulai” o qual estabelece um paralelo com Marx. Bell (1977) escreve num ambiente de vitória (apogeu) do capitalismo sobre o socialismo e retrata o sucesso do pós-guerra, a superioridade de um lado sobre outro. Acerca dos resultados dos anos de ouro, abre caminho para uma nova estruturação do mundo do trabalho, o qual procura construir com o advento de uma sociedade pós-industrial, focado nos países desenvolvidos, pois, para ele, apenas os países desenvolvidos reproduzem a forma madura do capitalismo, isto é, estão no estágio moderno.

Para Bell (1977), a tecnoburocracia está acima da vida pública, com fins em si mesmo, estes movimentos de racionalização da cultura, e a racionalização da conduta são, sobretudo, um mundo que potencializa os resultados, os quais foram assistidos no pós-guerra. A grande máquina burocrática, para Bell, afastará as velhas ideologias e haverá um esclarecimento da tecnocracia. Daniel Bell vê, neste processo do pós-guerra, um período de libertação do indivíduo, do homem livre, e liberto do reino das

necessidades, portador de todas as vantagens, daquilo que foi prometido pelo comunismo e foi entregue pelo capitalismo.

A partir das realizações do pós-guerra, as pessoas podem exercer o trabalho, não como necessidade, mas como um aperfeiçoamento de suas individualidades. Bell (1977) olha a estrutura de serviços e consegue vislumbrar um novo panorama para o mundo do trabalho, ao colocar o homem em trabalhos ligados a serviços e o retirando da fábrica e da produção. Para Bell, a ação racional do mundo, a técnica, o desenvolvimento burocrático e material tornariam o mundo tão eficaz que poderia se pensar nas realizações sócio-materiais a favor do capitalismo. Bell era um entusiasta e um ideólogo da tecnocracia e da burocracia, o qual sonhava com um mundo ideal dentro da máquina racional capitalista, para fim de salvaguardar o ser humano.

Em paralelo, Herbert Marcuse (1982) parte de Marx e vem pelo Weber idealizando uma sociedade moderna, e a questão principal é uma contradição de todas as possibilidades para se encontrar um homem livre, pois estes nunca estiveram tão distantes das possibilidades abertas pela divisão social do trabalho. Quanto mais se desenvolvem as forças materiais, mais causam um desconforto social de igual ordem. Na obra "Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud" o título expressa um caráter positivo, Marcuse olha para o problema, de um lado que racionaliza a conduta, no qual liberta o homem do trabalho, mas o transforma num "homem unidimensional", e o que é mais latente ainda nos jovens. Também na obra "A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional" este homem é reduzido à miséria do seu próprio trabalho, dentro dessa sociedade, e esta unidimensionalidade é o homem objetivo, sucumbido apenas ao seu trabalho (MARCUSE, 1982).

No contexto do avanço da racionalidade e do trabalho constatável, é possível racionalizar a vida em suas diversas dimensões, e o trabalho passa a ter uma dinâmica unidimensional. Com o capitalismo, a ciência econômica é vista como uma ciência técnica sem nenhuma personalidade, tudo é submetido a uma lógica econômica e uma monetização dos valores. O trabalho continua como um meio de ganhar a vida, mas como um trabalho mecanizado e alienado (MARCUSE, 1982).

Por sua vez, Gorz (1991) não fala no fim do trabalho, mas vê o fim do trabalho submetido ao capital, ao fordismo. A racionalidade envolve a constituição e o desenvolvimento de experiências sociais-democratas resultantes do pós-guerra, e que advém de questões centrais, que foram esvaziadas nos anos de ouro. Reconhece os avanços sociais, comparado às precariedades materiais de antes da guerra, mas estas modificações, segundo ele, não foram capazes de acabar com a precariedade do social e da vida. Afirma que existe um divórcio entre o estado e o cidadão, e crítica à



impessoalidade que existe nos fundamentos e nas aplicações das políticas públicas, o estado-providência, as relações de solidariedade já sucumbidas na vida privada e na vida pública, esvaziando as relações coletivas e privadas. Os resultados culturais, morais, éticos e de valores no fim dos anos sessenta, início dos setenta, conjuntamente com a crise econômica e a crítica do homem da sociedade pós-industrial, recai na criação de indivíduos atomizados, isto é, indivíduos apáticos e individuais.

Por fim, é necessário: i) superar a ideia de sociedade industrial e pós-industrial, as quais estamos falando de capitalismo, o que é uma forma peculiar em Weber, que é o capitalismo em todas suas dimensões; ii) todos os trajetos são do pós-guerra; ou propriamente da guerra; e iii) são reflexos brutais e regressivos do mundo e das condições contemporâneas do trabalho. Neste sentido, ao considerar o utilitarismo de Bentham, Sewaybricker (2012) comenta que o trabalho na sociedade de consumo parece estar em consonância com a felicidade, visto que, embora o exato instante em que se trabalha possa não ser prazeroso, a consequência, como o salário e o status, permitem viver muitos prazeres. Perante esta lógica insana e arrebatadora, o trabalho (e não a atividade humana) é compreendido como favorável à felicidade, o que leva o trabalhador à obediência insalubre ao “dinheiro”, mecanismo pelo qual se operacionalizam os prazeres.

Em paralelo, Marcuse (1982) a partir de ideias postuladas por Marx, prossegue com Weber e idealiza uma sociedade moderna, na qual as pessoas são livres, contudo, com certa dose de niilismo, averigua-se contradições de diferentes modos. O ser humano parece rumar a cada dia ao distanciamento de tal utopia, parece que jamais esteve tão distante de sua liberdade. Atribui-se em partes às possibilidades abertas pela divisão social do trabalho. Quanto mais se desenvolve as forças materiais, mais causam um desconforto social de igual ordem. Nas palavras de Deleuze (1992), migra-se de um “animal” a outro.

A máquina desejanje incorpora as reações suscitadas por seu próprio modelo disciplinar, reações estas que trataram de inventar novas formas de existência e subjetividade, as quais novamente são capturadas no artifício dos desejos rebatidos em novas territorializações. Estaria o ser humano, ou o que lhe resta, a este movimento cíclico? É preciso averiguar brechas, buscar rupturas, romper o niilismo fabricado. Vive-se em uma sociedade que amedronta e gera, a cada momento, indivíduos com tendências niilistas. Um mecanismo eficiente de controle, afinal, o medo, assim como a necessidade de ter segurança, conformam o comportamento dos indivíduos e asseguram os mecanismos de produção do capital. Frente a um niilismo cada vez mais

presente nas diferentes camadas sociais, divulgadas por uma mídia que insiste em noticiar aspectos negativos, entende-se a emergência em repensar a modernidade.

Na esteira capitalista, ante o sucateamento humano que submerge toda a esfera social, há que se pensar em sua íntima relação com o poder. Ao se pensar na realidade atual, isto é, no mundo globalizado, no modelo de sociedade contemporânea, nas lutas de classes e discussões políticas, quanto à felicidade, frente aos posicionamentos expostos, é possível confirmar que não se trata de objeto de consenso, conforme afirma Sewaybricker (2012), sendo próprio dela ser polissêmica, embora seja necessário alguma definição concreta, o que leva a questionar por que certos conceitos são mais utilizados do que outros e qual seria a influência da organização social moderna no uso de determinados conceitos. Todavia, é lícito supor que em todos os casos a escolha reflete os interesses de uma classe dominante que deve refletir sobre as consequências disso não apenas para a sociedade, mas para todo um sistema planetário no qual estão envolvidas. Ainda que em seu sistema egocêntrico possam demonstrar preferência por “abandonar o barco e ir para Marte”, consequência de ações que incentivam o individualismo e uma suposta “liberdade”.

### Considerações finais

Com o advento do capitalismo, a ciência é vista como técnica sem nenhuma personalidade, condicionando-se à crença de que tudo pode ser submetido a uma lógica econômica e uma monetização dos valores. Com o avanço da racionalidade e do trabalho constatável, é possível pensar e refletir a vida em suas diversas dimensões, dentre elas o trabalho, o qual passa a ter uma dinâmica unidimensional. O trabalho exerce papel central na vida do indivíduo, pois, além de suprir as necessidades básicas, contribui de modo crítico para o bem-estar psicológico, motivacional e identitário. Na concepção de Marx, é um meio privilegiado para a auto-expressão do indivíduo, porém, do modo como se constitui na sociedade contemporânea, é possível afirmar que, de um modo geral, configura-se de modo mecanizado, árduo e alienado. Por tudo isto, é preciso repensar o modo como o trabalho é concebido na sociedade capitalista, assim como repensar a forma como a felicidade vem sendo percebida, e reinventá-la.

### Referências bibliográficas

- ARON, R. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial**. Brasília: Martins Fontes/UNB, 1981. Primeira parte: “sociedade industrial e crescimento”.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Jorge Zahar, 2001.
- BELL, D. **O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977. p. 15-62 (Introdução) e p. 143-190 (Cap. 2).

- BELLUZZO, L. G. **O capital e suas Metamorfoses**. São Paulo: Editora da Unesp, 2013. Cap. I e II.
- BENINGER, J. **The Control Revolution, Technological and Economic Origins of the Information Society**. Harvard: Harvard University Press, 1986. Part III.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle. *In*: DELEUZE, G. **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. La búsqueda de la emoción em el ocio. *In*: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: **Edição Eletrônica das Obras Completas de Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 2004. Vol. XXI.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Muchail. 8. ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GORZ, A. **Metamorfosis del trabajo**. Madrid: Ed. Sistema, 1995.
- MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- MARX, K. **O capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Livro I (Cap. VI e XXIII).
- SEWAYBRICKER, L. S. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, 2012.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, O. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.
- SIMMEL, G. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito**. Covilhã: LusoSofia Press, 2009.
- SOMBART, W. La esencia del espíritu de empresa. *In*: SOMBART, W. **El Burguês: contribución a la historia espiritual del hombre económico moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1972.
- WEBER, M. Religião e racionalidade econômica. *In*: COHN, G. (org.) **Weber – Coleção cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 2005.